

RESGATANDO UMA RESSONANTE VOZ MINEIRA: O (ESQUECIDO) AUTOR MÁRIO MATOS¹

Bárbara Barros Gonçalves Pereira NOLASCO²

RESUMO

O presente artigo pretende evidenciar a relevância de se estudar a obra de vozes mineiras – neste caso, o enfoque será dado ao escritor Mário Matos – que, embora desconhecidas nos dias atuais, foram, em algum momento da história, reconhecidas e valorizadas. Ainda nesse sentido, considerando que em alguns dos escritos desse autor existem elementos que remetem ao contexto histórico e cultural no qual se encontrava inserido, intentou-se, aqui, resgatar do passado algumas de suas ideias bem como enfatizar os variados contextos pertinentes aos seus escritos. De modo geral, acredita-se que identificar a memória cultural presente nas suas muitas publicações divulgadas na imprensa, além de trazer à tona um autor que não é devidamente reconhecido, contribuirá, indubitavelmente, para a manutenção e divulgação de seu legado e, conseqüentemente, acrescentará dados significativos à história cultural mineira. Como há muito pouco material disponível a respeito do autor em questão, esta pesquisa está sendo desenvolvida, desde 2015, exclusivamente por meio de fontes primárias – jornais, revistas e cartas – que contenham seu nome inserido.

Palavras-chave: Literatura mineira; Mário Matos; Imprensa mineira.

ABSTRACT

This article intends to highlight the relevance of studying the work of Minas Gerais voices – in this case, the focus will be the writer Mário Matos – that, although unknown today, were, at some point in history, recognized and valued. In this sense, considering that in some of the author's writings there are elements that refer to the historical and cultural context in which he was inserted, the intention here was to rescue some of his ideas from the past, as well as emphasize the various contexts relevant to his writings. In general, it is believed that identifying the cultural memory present in its many publications published in the press, in addition to bringing out an author who is not properly recognized, will undoubtedly contribute to the maintenance and dissemination of its legacy and, consequently, will add significant data to the cultural history of Minas Gerais. Since there is very little material available about the author, this research has been developed, since 2015, exclusively using primary sources – newspapers, magazines and letters – that contains his name.

Keywords: Literature from Minas Gerais; Mário Matos; Minas Gerais press.

¹ Esta reflexão é resultado da continuidade dada à pesquisa iniciada com a dissertação de Mestrado intitulada **Mário Matos e Gilberto de Alencar: memórias literárias e as missivas** no Programa de Mestrado em Letras do Centro Universitário Academia (UniAcademia).

² Mestra em Letras (UniAcademia/JF). Membro-pesquisadora do Grupo de Pesquisa **Arquivos literários**: memória, resgate e preservação, que encontra-se sob orientação da Prof.^a Dr.^a Moema Rodrigues Brandão Mendes. *E-mail*: barbarabarrosnolasco@gmail.com

INTRODUÇÃO

Estudar a produção literária do autor Mário Gonçalves de Matos (1891-1966) é de significativa relevância para o resgate de aspectos relacionados à sociedade, à cultura, às políticas, enfim, ao contexto histórico e intelectual como um todo referentes à época de escrita. Estes textos – cartas, livros e principalmente publicações em periódicos –, ao remeterem aos múltiplos cenários observados e vivenciados, preservam a memória individual e coletiva de parte da história mineira de seu tempo.

Esta pesquisa, por abordar uma voz mineira não divulgada na atualidade, encontra-se em desenvolvimento desde o ano de 2015, tendo se iniciado por meio da leitura de cartas enviadas por Mário Matos ao amigo e escritor Gilberto de Alencar entre os anos de 1939 e 1957. Este lote, composto por 16 cartas manuscritas, 1 telegrama e 1 digitoscrito, encontra-se lotado no Museu de Arte Murilo Mendes (MAMM), no Acervo Alencar, no fundo Gilberto de Alencar, situado em Juiz de Fora (MG). Após a análise desses documentos, os estudos relacionados à vida e obra de Mário Matos estão sendo realizados por meio de investigações em jornais e revistas publicados à época em que vivia o autor: neles, encontramos dados biográficos inéditos, comentários e opiniões de importantes críticos a respeito tanto de suas obras (seis livros) quanto de sua personalidade, informações detalhadas acerca de suas mais variadas atuações em vida – entre elas, professor, advogado, jornalista, político e presidente da Academia Mineira de Letras.

No presente momento, o foco da pesquisa está direcionado às publicações do autor na imprensa³. Esta busca mais diligente abarca todos os escritos de que se tem conhecimento de Mário Gonçalves de Matos inseridos em jornais e revistas, sendo o primeiro deles encontrado em 1912⁴ e o último em 1966⁵, meses antes de seu falecimento. Importa destacar que suas publicações nem sempre vinham assinadas por seu nome: muitas das vezes Mário Matos usava o pseudônimo

³ A fim de valorizar a memória linguística, foi preservada, assim como a acentuação gráfica, a ortografia vigente na época em que foram escritos os textos citados neste artigo.

⁴ OLAVO, Alberto. Villa-Rica e o seu cronista. **O Pharol**, Juiz de Fora, n. 302, p. 1, 21 dez. 1912.

⁵ MATOS, Mário. Fábula de La Fontaine. **Suplemento Literário do Minas Gerais**, n. 11, p. 7, 12 nov. 1966.

Alberto Olavo⁶ – inclusive assim registrou seu primeiro texto divulgado. Até o momento, esta pesquisa localizou 135 textos, todos esparsos em 15 diferentes periódicos. Para tal coleta, foram utilizadas a Hemeroteca Digital Brasileira (da Fundação Biblioteca Nacional) e o Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte (APCBH).

Um ponto que deve ser acrescido é com relação à possibilidade de o autor, em algum momento, ter intencionado reunir estes seus escritos para colocá-los em livro – aliás, após pesquisas realizadas, observou-se que pelo menos 08 dos 21 contos da obra **Casa das três meninas** (1949) constam em periódicos assim como 18 das 34 crônicas de **O personagem persegue o autor** (1945) e outros poucos poemas de **Último canto da tarde** (1938), totalizando 32 ocorrências. Entretanto, acredita-se que ele não tenha feito tal tarefa por carência de tempo (chegou, ademais, a reclamar da situação em cartas enviadas a Gilberto de Alencar)⁷ e por não confiar em seu valor literário, uma vez que, em suas próprias palavras, ao assuntar seus contos, assume: “[...] não sei, não acredito que sejam bons” (MATOS, [correspondência] 12 de maio 1946).

Não se deve ignorar, também, o fato de que algumas dessas 32 publicações sofreram alterações significativas quando comparadas com as originais: versos, frases e parágrafos inteiros foram suprimidos; conto tornou-se crônica; personagens tiveram seus nomes trocados, assim como alguns títulos. Para uma profunda análise e estudos mais precisos acerca dos textos do escritor montanhês, cotejos ainda estão sendo realizados nesse sentido.

⁶ Este foi o pseudônimo usado pelo literato desde suas primeiras aparições como escritor, porém não só isso representou o nome **Alberto Olavo** para Mário Matos: de acordo com as pesquisas mais recentes realizadas por mim, este foi o nome dado a um de seus filhos cuja vida foi curta. Apenas uma foi a referência que possibilitou investigar esta informação: ao folhear **O Tico-Tico**, datado de 1933, localizei a imagem de um rosto conhecido (apesar de infantil), e, ao ler a descrição, constava “Alberto Olavo de Moura Mattos” (NOSSOS..., 1933, p. 6). Considerando que não poderia ser apenas coincidência – visto que o sobrenome de sua primeira esposa era **Moura** –, iniciei uma jornada de investigações à procura do suposto filho do autor em todos os periódicos disponibilizados do Rio de Janeiro e de Minas Gerais próximos à data da referida publicação, não obtendo sucesso. Em contrapartida, ao realizar outras pesquisas acerca da família do autor, foi possível localizar uma entrevista concedida por sua segunda esposa, Maria Matos, por meio da qual ela registra duas informações valiosas: a primeira, sobre a existência de um diário escrito pelo autor; a segunda, corroborando a suposição inicial. Transcrevo, aqui, o precioso trecho: “Ele tem um diário interrompido quando perdeu seu filho Alberto Olavo” (MATOS, Maria, 1966, p. 4-5), que ganhou veracidade ainda maior após ser localizada, em um de seus livros, a dedicatória “À memória de Alberto Olavo, meu filho” (MATOS, 1949, p.7).

⁷ Cf. MATOS, [correspondência] 21 de mar. 1954; MATOS, [correspondência] 19 de dez. 1955; MATOS [correspondência] 09 de dez. 1957.

Frisa-se, ainda, a dificuldade encontrada ao tentar acessar a obra de Mário Matos, uma vez que não há disponível no mercado qualquer um de seus livros há anos, desde que vieram a público suas primeiras edições. Não foi localizada qualquer reedição da obra do autor – apesar da procura –, isto porque, explica ele: “[...] [há] necessidade de ser revista e atualizada” (MATOS, Maria, 1966, p. 4-5). É inquestionável que Matos escrevia por prazer, e isso se confirma quando, no segredo das entrelinhas de suas cartas, confessa ao correspondente-amigo Gilberto de Alencar:

Meu caro Gilberto, como a vida corre depois dos sessenta! O que nos vale é este consolo de rabiscar papel. Li no Rilke que a única maneira de viver sem morrer é trabalhar, bem entendido, trabalhar no que a gente gosta. Acenda a sua lâmpada, e escreva, meu amigo, escreva sem parar, como o pássaro canta aí na árvore do seu quintal (MATOS, [correspondência] 12 de nov. 1956).

Contudo, ao revelar as características do literato, assim Carlos Drummond de Andrade nos apresenta Mário Matos-escritor:

[...] Aos prazeres da divulgação [de suas obras] preferia os da preguiça, entendida como faixa de cisma, leitura, observação e reflexão sem consequência escrita. Preguiça ativa a seu modo, que é a de tomar conhecimento do fluxo e atrito das coisas, analisar-lhes filosoficamente o sentido, e eximir-se de retocar ou tentar retocar a imagem das que pareçam tortas. Exercício coloquial da compreensão irônica, despido de azedume e furor ativista: gosto bem mineiro em suma, pelo menos de mineiro mais antigo, pois os novos já não parecem rezar por essa cartilha serena. Antigo sem ser antiquado. À beira dos 80 anos, Mário Matos guardava a feição clássica do intelectual lúcido e cético, sem de modo algum parecer um retardatário (ANDRADE, 1966, p. 6).

É válido enfatizar que, por se tratar de um escritor mineiro há muito esquecido, esta pesquisa tem como um de seus objetivos principais evidenciá-lo e trazer à tona seu legado. No presente artigo, contudo, a pesquisa está voltada apenas para seus textos jornalístico-literários. Como esta proposta encontra-se também em desenvolvimento, convém informar alguns dos dados obtidos até o momento. Sendo assim, será quantificada, na listagem abaixo, a produção matosiana em cada periódico pesquisado juntamente do período em que ela se deu, além de uma breve menção a palavras-chave referentes à tematicidade predominante:

1. **O Pharol:** 20 textos assinados com o pseudônimo de Alberto Olavo e 03 como Mário Mattos – 1912 a 1923 (literatura; jornalismo; política; moral e bons costumes; sociedade; educação; história; memória);
2. **O Paiz:** 04 textos assinados com o pseudônimo de Alberto Olavo – 1913 (literatura brasileira; língua portuguesa; cultura);
3. **Gazeta de Notícias:** 01 texto assinado com o pseudônimo de Alberto Olavo e 19 como Mário Mattos – 1916 a 1918 (correspondência; literatura; jornalismo; religiosidade; história; memória);
4. **A.B.C.:** 08 textos assinados como Mário Mattos – 1916 a 1924 (literatura; jornalismo; política; moral e bons costumes; história; memória);
5. **A Rua:** 05 textos assinados como Alberto Olavo – 1917 (crítica literária; crônica; reflexões pessoais; cultura; educação);
6. **Bello Horizonte:** 09 textos assinados com o pseudônimo de Alberto Olavo e 09 como Mário Matos – 1933 a 1945 (poesia; conto; criação literária; linguagem; eventos cotidianos; jornalismo; história; memória);
7. **Jornal de Lafayette:** 01 texto assinado com o pseudônimo de Alberto Olavo – 1937 (envelhecimento);
8. **Carioca:** 01 texto assinado com o pseudônimo de Alberto Olavo – 1938 (gramática; literatura);
9. **Dom Casmurro:** 01 texto assinado como Mário Mattos – 1940 (literatura; reflexões pessoais);
10. **O Jornal:** 26 textos assinados como Mário Matos – 1943 a 1946 (gramática; escrita; literatura mineira; crônica; legislação; política; jornalismo; religiosidade; história; memória);
11. **Alterosa:** 15 textos assinados com o pseudônimo de Alberto Olavo e 07 como Mário Matos – 1943 a 1955 (poesia; crônica; romance; crítica literária; Minas Gerais; jornalismo; história; memória);

12. **Gazeta de Paraopeba**: 02 textos assinados como Mário Matos – 1945 a 1947 (religiosidade; reflexões pessoais);
13. **Diário do Paraná**: 01 texto assinado como Mário Matos – 1958 (eventos cotidianos; reflexões pessoais);
14. **Correio da Manhã**: 01 texto assinado como Mário Matos – 1959 (eventos cotidianos; reflexões pessoais);
15. **Suplemento Literário do Minas Gerais**: 02 textos assinados como Mário Matos – 1966 (eventos cotidianos; envelhecimento; memória).

As publicações mencionadas acima são apenas uma parte de sua contribuição jornalística. De acordo com dados obtidos por meio de fontes primárias pesquisadas, o autor teria, também, publicado nos jornais **Diário Mercantil**⁸ (Juiz de Fora), **O Diário**⁹ (Belo Horizonte) e **Estado de Minas**¹⁰ (Belo Horizonte) e nas revistas **Acaiaca**¹¹, **Cigarra do Sertão**¹² e **Marília**¹³.

Deve-se sublinhar, por ora, que os textos contemplados por este estudo são os que se configuram como crônica, pelas suas características gerais e por “[...] ter função de informar ou de comentar os fatos do cotidiano” (BASTOS; CAMPOS; VASCONCELLOS, 2008, p. 80), que é o que importa neste tipo de trabalho. Também foram adotadas as concepções sobre a natureza da crônica pronunciadas por Arrigucci Júnior (1987) acerca do gênero.

⁸ Informação localizada nas seguintes fontes: Notas & Novas. **O Pharol**, Juiz de Fora, n. 107, p. 1, 08 maio 1913 e O “DIÁRIO Mercantil”. **A.B.C.**, Rio de Janeiro, n. 59, p. 8, 22 abr. 1916.

⁹ De acordo com uma citação direta de Mário Matos acrescida do jornal de que ela fora retirada – **O Diário** – (A VOZ..., 1957) e da breve menção ao pertencimento de Matos no referido periódico (COSTA, 1952).

¹⁰ Segundo informações encontradas em: MÁRIO Matos sepultado em Minas Gerais. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, n. 22.618, 2º caderno, p. 10, 29 dez. 1966.

¹¹ Mário Matos teria colaborado em meados de 1949 nesta revista mineira de cultura, em cujo corpo redacional “[...] figuram elementos de mérito nacionalmente reconhecido” (MOVIMENTO..., 1949, p. 7).

¹² A referida revista teria sido criada em 1925 como resultado de uma parceria entre Mário Matos e Lincoln Nogueira (MÁRIO..., 1967).

¹³ Mário Matos teria colaborado neste periódico, do qual foi fundador juntamente com Heitor Guimarães e Gilberto de Alencar. Por ter rendido poucos números (dados nos permitem afirmar que foram pelo menos 09), são escassas as informações sobre a revista, mas localizou-se que sua primeira edição, composta por trabalhos em prosa e verso, fora redigida por Mário Matos e Belmiro Braga, sendo de propriedade do sr. Lindolpho Rocha (ALENCAR, 1950; ALENCAR, 1956; JORNALISMO..., 1955; “MARÍLIA”, 1915a; “MARÍLIA”, 1915b).

MÁRIO MATOS: VIDA E OBRA

Mário Gonçalves de Matos nasceu em 23 de setembro de 1891 em Santana do Rio São João Acima, atual Itaúna, e faleceu em Belo Horizonte em 28 de dezembro de 1966. Passou a infância e concluiu os estudos primários em sua cidade natal, cursou o secundário em Dolores do Indaiá e transferiu-se, posteriormente, para Belo Horizonte, onde cursou preparatórios no Ginásio Mineiro. Mais tarde, residindo em Juiz de Fora, começou a vida de jornalista e literato.

Entre outros cargos que acumulou ao longo dos anos, Mário Matos atuou como professor, advogado, Secretário do Interior, Corregedor da Justiça Eleitoral, Desembargador do Tribunal de Apelação, Presidente do Tribunal de Contas de Minas Gerais, deputado estadual e federal, Diretor da Imprensa Oficial e da Associação Mineira de Imprensa, Presidente (por três ocasiões) da Academia Mineira de Letras e vice-presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais. No meio jornalístico, dirigiu o **Centro de Minas**, o **Diário de Minas**, foi redator-chefe do **Minas Gerais** e da revista **Alterosa**, colaborador do **Suplemento Literário do Minas Gerais**, dos **Diários Associados** e de outros importantes periódicos mineiros e cariocas.

Durante sua carreira, Mário Matos recebeu muitos elogios advindos de importantes críticos, inclusive de figuras nacionalmente conhecidas. Certa vez, em uma enquete realizada pela revista **Alterosa**¹⁴, o seu nome foi lembrado por Djalma Andrade, Ciro dos Anjos, Emílio Moura, Eduardo Frieiro, Godofredo Rangel e Lúcia Machado de Almeida quando perguntados sobre quais literatos, na opinião de cada um deles, merecia ter seu lugar reservado na Academia Brasileira de Letras. Muitos outros foram os que se recordaram do escritor montanhês ao dissertarem notas cotidianas em suas colunas de jornais. Lido por Lúcia Miguel Pereira, Mário Casasanta, Gustavo Corção, Afrânio Coutinho, Alceu Amoroso Lima e Vivaldi Moreira, Mário Matos certamente se fez notar com os livros biográficos **Último bandeirante** (1935) e **Machado de Assis: o homem e a obra** (1939). Não foi diferente o resultado com a **Casa das três meninas** (1949): Carlos Drummond de Andrade, seu leitor, qualifica Matos como sendo um “conversador excelente” que,

¹⁴ Trata-se de uma antiga revista de grande visibilidade no contexto de Minas Gerais que se iniciou em agosto de 1939 e teve sua última edição em dezembro de 1964.

como o misto de Machado de Assis e Mário de Andrade que é como contista, “[...] produz qualquer coisa de próprio e original, e também de muito saboroso” (ANDRADE, p. 16, 1967). Aliás, Aires da Mata Machado Filho parece concordar com as afirmações feitas por Drummond ao considerá-lo um “consumado clássico da oralidade” (MACHADO FILHO, p. 1, 1967).

Merecidas homenagens também marcaram a vida do escritor. No início da carreira, quando ainda conquistava seu espaço, recebia tímidas congratulações nas páginas de jornais: ora saudavam-lhe pelos méritos de bom aluno que era¹⁵, ora ofereciam-lhe festa(s) por seu(s) aniversário(s). Chegou, certa vez, a receber flores por ter feito uma palestra considerada “um sucesso pleno, completo” (ESCOLA..., p. 1, 1913). Recebeu versos de célebres renomados como Brant Horta, Franklin Magalhães, Belmiro Braga e Guimarães Rosa. Com o passar do tempo, dos anos e do amadurecimento pessoal e profissional, as referidas homenagens tomam um rumo distinto: agora, em vez de receber, Mário Matos se vê prestando-as diante do túmulo de seus queridos pares. Despediu-se de Godofredo Rangel e Raul de Leoni dessa maneira. Palestrou muitas vezes, com orgulho, a pedido de Benedito Valadares, de quem era braço direito. Na verdade, tamanha era sua grandeza que acabou sendo consultado pelo então governador de Minas Gerais a respeito de um discurso. Também o homenageou, assim como fizera com o presidente Getúlio Vargas. Em 1959, emocionou-se demasiadamente ao virar nome de Grupo-Escolar em Belo Horizonte. Atingiu seu auge em 1963, quando, ao lado de outros grandes e de Carlos Drummond de Andrade, foi condecorado com a Medalha de Honra da Inconfidência. Como desfecho desse tópico, cabe, aqui, um último registro indispensável: esse mesmo Drummond, apenas três anos depois, anunciou: “Em Minas Gerais, estamos desfalcados: faleceu Mário Matos” (ANDRADE, 1966, p. 6). Publicou apenas seis livros, mas “[...] o que fez é de qualidade, e merece ser relido” (Ibidem). Diante disso, a fim de evidenciar a relevância desse estudo e de permitir ao leitor uma visão mais amplificada da escrita de Mário Matos, optou-se por transcrever, abaixo, alguns fragmentos de crônicas matosianas. A princípio, foi

¹⁵ Assim **O Pharol** se posicionou: “Ao nosso distinto confrade Mario de Mattos (Alberto Olavo) levamos nossas felicitações pelo resultado brilhante dos exames do segundo anno na Escola de Direito do Granbery, a que hontem se submetteu. O nosso presado collega obteve notas distinctas em todas as cadeiras” (NOTAS..., 1914, p. 1).

realizada uma separação/organização a partir das temáticas centrais “crítica literária”, “política” e “eventos cotidianos”:

CRÍTICA LITERÁRIA: Hoje, na certeza plena das verdades do evolucionismo e das verdades incontestes do Haeckel, já se não põe mais da reticencia da duvida o conceito da hereditariedade das qualidades psychologicas.

[...]

Assim que, naquella familia cearense de Alencar Araripe, que, ao longo do tempo, vem occupando postos primordiaes na nossa historia, na nossa politica e, precipuamente, nas nossas letras, se vêem delineadas na linha descencional, as qualidades intellectivas que inda se não amorteceram.

Em Araripe Junior, um dos homens que mais leram e assimilaram no Brasil, a intelligencia e o cultivo culminaram de tal feitio que a sua capacidade omnímoda se retrata em livros de uma belleza peregrina, em artigos que, mesmo na dispersão dos jornaes, asseguram, na memoria dos entendidos, a immortalidade de sua vida subjectiva.

No “Miss Kate”, que é uma obra estranha e, sob o stricto aspecto literario, exquesitamente original e verdadeira, se observa a descripção de pscasthenia aguda [...] na figura funambula e esdruxula de Aggripino Simões [...].

Sendo assim, vejo em Gilberto de Alencar muito legitima e muito justificada a inclinação literaria. O amor das letras que tanto dignificou a seu pae, um de cujos discipulos fui, está-lhe no sangue, é-lhe uma qualidade primacial, de familia. Gilberto de Alencar, joven autor deste livro da *Prosa Rude*, occupa um logar muito individuado na fileira dos primeiros, dos que produzem. Faz parte desta pleiade de escriptores operosos que a Academia congregou e que, amiudadamente, vêm [...] opulentando o nome glorioso destas Minas Geraes.

Trabalhando aqui no “Pharol”, um de cujos tres redactores é, a elle, ao lado da capacidade provada de Albino Esteves, Heitor Guimarães e Luiz d’Oliveira [...], ainda lhe sobra tempo para, de quando em vez, publicar livros [...]. O de que aqui trato – *Prosa rude*, que acabo de ler, é um livro que se recommenda. [...]

(OLAVO, 1913a, p. 1, grifo do autor)

CRÍTICA LITERÁRIA: As mulheres que escrevem no Brasil são em numero muito reduzido. E marcam como excepções notaveis as que escrevem com elegancia, finura e estylo proprio.

A escripta feminina, quando traz o temperamento artistico, é, entretanto, de uma leitura saborosa e encantada. [...]

La Bruyère, com a severa gravidade doutrinaria que lhe notamos, diz muitos louvores ás mulheres que escrevem bem. [...]

E La Bruyère, como todo mundo sabe, era um mestre de gosto e de delicadeza.

Ora, entre nós, desta época bárbara e neste momento de anarchia mental, as escriptoras que têm surgido se vão fazendo notar pela lingua rude, prolixa e recheiada.

Ha o exemplo dyonisiaco da Sra. Albertina Bertha, cujo livro de estréa [...] tanto barulho e tanta discussão levantou no nosso microcosmo intellectual [...].

Uma excepcionalidade [...] é incontestavelmente a escriptora D. Julia Lopes de Almeida.

D. Julia Lopes é uma escriptora fecunda. Mas sabe prolongar a meditação e dominar a ancia de produzir.

Não se dá ás pressas da elaboração como acontece, com prejuizo visivel, a muitos litteratos brasileiros. A sua obra volumosa exprime uma alta e segura intelligencia da Belleza. [...]

No Brasil, um temperamento assim não logra os favores do maior numero. Nós amamos o jogralismo, as imagens coloridas, as metaphoras, as descripções abundantes, a ironia corriqueira, affeiçãoada ao geito do Eça de Queiroz, a nota escandalosa e os tons agrestes e crús.

Anatole France no Brasil teria a sorte de Machado de Assis: ser admirado por meia duzia de espiritos affins. [...]

Ainda agora, D. Julia, como presente do fim do anno, offerece aos seus leitores uma pequena novella, cuja natureza o titulo denuncia.

“Era uma vez...” constitue uma historia talhada no feitio das “Mil e uma noites”. Um conto de fadas. [...] Recorda levemente as passagens de Selma Lagerloff, cujo traço dominante é a candura e a pureza na escripta. [...] A novella de D. Julia veio em um momento opportuno [...]

(OLAVO, 1917, p. 4).

POLÍTICA: O povo perdoa aos seus dirigentes os defeitos que estes lhe herdaram, mas não os exculpa, si não possuem as suas virtudes. Esta verdade singela tem repetida comprovação nos episodios da nossa historia politica, principalmente no do segundo imperio, phase em que os homens publicos mais eminentes da nossa patria, nas luctas ageis do parlamento, revelavam possuir, exalçados, os grandes defeitos e as maiores virtudes da nossa gente.

[...]

A Republica foi uma transmutação brusca de moldes, de costume e de categoria de valores. Desarticulada a organização politica do paiz, a Republica, que se precipitou devido aos erros da monarchia, veio encontrar a geração que a predicava inhabil e inexperiente para pratical-a. [...]

Votar-se um homem á vida politica no Brasil com sinceridade é demonstrar uma dedicação sem limites á sua patria. [...]

Em que pese, senhores, ás difficuldades de se julgar um contemporaneo, não ha duvida nenhuma de que pertence a esta boa linhagem de veros patriotas [...] o estadista mental e clarividente que ora dirige os destinos de Minas Geraes!

[...]

(MATTOS, 1924, p. 4)

POLÍTICA: Está acontecendo com o sr. Arthur Bernardes, presidente de Minas, o mesmo que succedeu a João Pinheiro, quando este mineiro inolvidavel dirigia os destinos do nosso estado. Os politicos profissionaes encaram-no sob o ponto de vista dos seus egoismos conjugados e, devido a este daltonismo, suppõem-no imbuido do intuito de politicar, no sentido costumeiro que se empresta a esta palavra. [...]

(MATTOS, 1920, p. 2)

EVENTOS COTIDIANOS: A semana passada, quasi todos os jornaes mineiros accentuaram o anniversario de Belmiro Braga, como se fôra o de um jovem cheio de esperanças, cuja vida está enfeitada de risos, alegria e vivacidade. Belmiro Braga é um moço? Não, não é. Não o é simplesmente pela idade, pois já dobrou, mau grado, o cabo das Tormentas, e tem a cabeça polvilhada de cabellos brancos. [...]

Varias vezes, em palestra com elle, verifiquei que tem horror á morte, não revelando vocação nenhuma nem mesmo para as molestias mais elegantes e finas, como a neurasthenia incipiente.

[...]

(OLAVO, 1923, p. 1)

EVENTOS COTIDIANOS: Num espaço de tempo relativamente curto, nada menos do que quatro vagas na Academia!

Quatro vagas! A morte ronda a casa em que os immortaes se reuñem, como outr'ora os deuses no Olympo para concertarem as notas que compõem a intelligencia e a belleza da Vida.

A diuturnidade da visita absurda é, porém, desconcertante, e dá á Academia [...] um aspecto funerario, que muito lhe prejudica o espirito de iniciativa, de mocidade e de criação artistica.

A Academia está feita a ante-sala da morte. E' a camara ardente da nossa literatura.

[...]

(MATTOS, 1918, p. 2)

Adianta-se que, ainda que as temáticas explicitadas sejam distintas entre si, há um elemento comum a todos estes textos jornalístico-literários do autor: o registro dos acontecimentos do cotidiano. De fato, é este elemento de caráter histórico, memorialístico e documental que torna o estudo desses escritos cronísticos tão relevante. Conforme elucidam Dilza Bastos e Eliane Vasconcellos (2019, p. 20), as crônicas têm “além do aspecto histórico, [...] teor de verdade, com aspectos de intimidade e humanidade”. Seu escritor, por sua vez, é o responsável por inserir em seus textos elementos relacionados à “[...] memória do país, refletindo e atando, por meio da ficção, sua história remota e recente, bem como usar sua obra como meio de entendimento da história” (BASTOS; VASCONCELLOS, 2019, p. 22). Com efeito, ele dá voz aos que não a possuem. Assim como Clarice Lispector, Rubem Braga e outros grandes escritores desse gênero, ao recriar “[...] a exposição dos fatos, o cronista recompõe com detalhes as impressões e emoções experimentadas pelo homem ferido pelos fatos do cotidiano” (SANTOS, 2019, p. 445).

Em se tratando do texto cronístico, é concernente dizer que uma das características mais notáveis é no que se refere às suas múltiplas possibilidades: as temáticas são analisadas e contadas do ponto de vista daquele que as escreve, podendo tratar, de forma única – uma vez que cada escritor possui sua marca estilística individual e singular –, de assuntos ligados à sociedade, política e cultura de seu tempo. Adotando, por vezes, um tom coloquial e ameno e sem perder, todavia, a precisão dos detalhes, na crônica o autor reproduz, à sua própria maneira, ideias, pensamentos e opiniões acerca das mais variadas atualidades e vivências pertinentes à sua realidade. Para Arrigucci Júnior,

[...] trata-se de um relato em permanente relação com o tempo, de onde tira, como memória escrita, sua matéria principal, o que fica do vivido [...]. Tal gênero supõe uma sociedade para a qual importa a experiência progressiva do tempo, um passado que se possa concatenar significativamente, a História, enfim [...]. Presa ao calendário dos feitos humanos [...], a crônica pode constituir o testemunho de uma vida, o documento de toda uma época ou um meio de se inscrever a história no texto (ARRIGUCCI JÚNIOR, 1987, p. 51-52).

Também nessa direção se manifesta o alemão Andreas Huyssen em seus estudos. Para ele, “a memória tem [...] a chance de se inscrever na história, de ser codificada em uma consciência nacional. As cidades são, enfim, palimpsestos da história, encarnações do tempo em pedra, locais de memória que se estendem tanto em tempo quanto em espaço” (HUYSSSEN, 2003, p. 101, tradução nossa)¹⁶.

Importa ressaltar que não só nesse tipo de texto é possível observar esse elemento memorialístico: as cartas de Mário Matos são um grande exemplo dessa afirmação. Nelas, o autor imprime suas memórias de um passado distante e maravilhoso. Como se trata de um texto escrito sem a intenção primeira de publicação, o missivista desnuda-se na carta, e o observamos com outro olhar – por vezes mais íntimo e pessoal. O próprio signatário acreditava nisso, e assim estabelece seu ponto de vista: “O que pode haver de instrutivo na correspondência particular dos escritores é o elemento confessional, a parte autobiográfica. Por ser espécie de conversa escrita, travada de amigo a amigo, na maior intimidade, a carta tem, por isso mesmo, feição documentativa” (MATOS, 1939a, p. 363). Mais do que isso,

No território das cartas, tudo é escritura: o missivista, com a meticulosidade de um memorialista, seleciona um espaço do seu tempo para expor a sua vida e registrar os efeitos de seu drama diário. A correspondência é, para ele, um prazer, uma necessidade e uma forma imperiosa de autoconhecimento (SANTOS, 1998, p. 8).

A partir dessa perspectiva, optou-se por transcrever, abaixo, dois fragmentos das mencionadas epístolas que permitem ao leitor conhecer a figura de Mário Matos para além de seus textos escritos para publicação:

¹⁶ “Memory thus has a chance to inscribe itself into history, to be codified into national consciousness. Cities, after all, are palimpsests of history, incarnations of time in stone, sites of memory extending both in the time and space”.

[...] no curso da leitura, eu parava e voava, na asa da memória, à Usina. Eu vi de novo as árvores enfloradas e os passarinhos brincando em suas capas. Lembrei-me dos dias de chuva, de pescaria, de caçada. Revi nossos passeios pela cidade, nossas conversas, nossos temores. [...] Em mim, o menino ainda existe, o moço ainda existe [...] (MATOS, **[correspondência]** 21 de mar. 1954).

[...] A todo momento, com um cigarro na boca, me vejo de calças curtas a pegar passarinho, em Dolores-de-Indaiá. Tenho soltado papagaio que é uma beleza. Por qualquer motivo, estou correndo atrás de foguete. Sou menino. Mas também, quando volto a mim, que tormento! [...] (MATOS, **[correspondência]** 12 de nov. 1956)

CONCLUSÃO

Escrevendo, o autor impede que os acontecimentos de seu tempo pretérito se percam e permite, conseqüentemente, que gerações futuras os conheçam por meio de sua memória – compreendendo o termo como “registro vivido, preservado e resgatado para ser profícuo na reconstrução da experiência humana” (MENDES, 2017, p. 100). É por meio de sua voz que as gerações posteriores à sua têm a chance de conhecer como de fato foi a sociedade e de que maneira ela evoluiu, quais foram as ferramentas utilizadas para esse crescimento, como se deu toda essa trajetória, quais foram os personagens mais importantes ao longo desse caminho certamente árduo. Os textos escritos por Mário Matos e por tantos outros autores mineiros fazem e fizeram parte do desenvolvimento das cidades à nossa volta e de seu povo, e por isso mesmo não podem ser ignorados. Ao registrarem cada fato observado, estão, ali, documentando hábitos, costumes e toda uma cultura existente naquele determinado momento, e nada disso pode ser deixado para trás. Legitima-se, assim, a importância e a responsabilidade do trabalho realizado a partir de fontes primárias – como cartas e periódicos – para o resgate de personalidades que fazem/fizeram parte da história mineira e nacional.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, Gilberto de. Reminiscências de Juiz de Fora. **Ilustração Brasileira**, n. 182, p. 32, jun. 1950.

_____. Juiz de Fora no princípio do século. **O Jornal**, Rio de Janeiro, n. 10.983, 3ª seção, p. 7, 28 jun. 1956.

ANDRADE, Carlos Drummond de. Imagem de escritor mineiro. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, n. 22.619, 1º caderno, p. 6, 30 dez. 1966.

_____. Duas páginas de Drummond sobre Mário Matos. **Suplemento Literário do Minas Gerais**, Belo Horizonte, n. 70, p. 16, 30 dez. 1967.

“A NOITE Ilustrada” em Belo Horizonte. **A Noite Ilustrada**, Rio de Janeiro, n. 690, p. 2, 09 jun. 1942.

ARRIGUCCI JÚNIOR, Davi. **Enigma e comentário**: ensaios sobre literatura e experiência. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

ATHAYDE, Tristão de. Centenário. **O Jornal**, Rio de Janeiro, n. 6.284, p. 6, 03 dez. 1939.

A VOZ do Brasil. **Alterosa**, Belo Horizonte, n. 250, p. 9, 15 jan. 1957.

BASTOS, Dilza; CAMPOS, Maria Luiza de Almeida; VASCONCELLOS, Eliane. A pesquisa em crônicas jornalísticas: a análise da representação da informação. **Arquivo e Administração**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, p. 71-98, 2008.

BASTOS, Dilza; VASCONCELLOS, Eliane. A crônica na perspectiva da representação documentária. **Memória e informação**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 15-35, jan./jun. 2019.

BRAGA, Belmiro. Ao Alberto Olavo. **O Pharol**, Juiz de Fora, n. 224, p. 1, 23 set. 1913.

CONDESSA e Goulart vão receber em Minas a Medalha da Inconfidência. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, n. 91, p. 4, 20 abr. 1963.

CORÇÃO, Gustavo. O humorismo. **Revista de Cultura**: Suplemento Literário de A Ordem, Rio de Janeiro, v. 28, p. 137-154, jul.- dez. 1942.

COSTA, Artur. O sr. Mário Matos depõe. **A Cruz**, Rio de Janeiro, n. 1.832, p. 3, 20 abr. 1952.

DANTAS, Paulo. Qual o seu candidato? **Alterosa**, Belo Horizonte, n. 65, p. 92-94, set. 1945.

FRIEIRO, Eduardo. Mário Matos: Machado de Assis, o homem e a obra. **Suplemento Literário do Minas Gerais**, Belo Horizonte, n. 70, p. 10, 30 dez. 1967.

HUYSSSEN, Andreas. Memory Sites in an Expanded Field: The Memory Park in Buenos Aires. **Present pasts: urban palimpsests and the politics of memory**. California: Stanford University Press, p. 94-109, 2003.

HOMENAGEM do governo a Mário Matos. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, n. 222, 2.º cad., p. 5, 23 set. 1959.

JORNALISMO antes de tudo é servir. **Folha Mineira**, Juiz de Fora, n. 2.166, p. 1;4, 14 jan. 1955.

LINHARES, Cristiano. Godofredo Rangel. **Alterosa**, Belo Horizonte, n. 137, p. 30, set. 1951.

MACHADO FILHO, Aires da Mata. O ensaísta da oralidade. **Suplemento Literário do Minas Gerais**, Belo Horizonte, n. 70, p. 1, 30 dez. 1967.

MAGALHÃES, Dario de Almeida. Vida nova. **O Jornal**, Rio de Janeiro, n. 5.440, p. 4, 10 mar. 1937.

"MARÍLIA". **O Pharol**, Juiz de Fora, n. 7, p. 1, 09 jan. 1915a.

"MARÍLIA". **O Pharol**, Juiz de Fora, n. 128, p. 1, 02 jun. 1915b.

MÁRIO Matos. **Suplemento Literário do Minas Gerais**, Belo Horizonte, n. 70, p. 2, 30 dez. 1967.

MÁRIO Matos sepultado em Minas Gerais. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, n. 22.618, 2º caderno, p. 10, 29 dez. 1966.

MATOS, Maria. Mário Matos no depoimento de Maria, sua esposa: entrevista [1966?]. Entrevistador(a): Zilah Corrêa de Araújo. **Suplemento Literário do Minas Gerais**, Belo Horizonte, v. 1, n. 3, p. 4-5, set. 1966.

MATOS, Mário. **Machado de Assis: o homem e a obra – Os personagens explicam o autor**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1939a (Coleção Brasileira, 5ª série da Biblioteca Pedagógica Brasileira, vol. 153).

_____. [correspondência]. Destinatário: Gilberto de Alencar. Juiz de Fora, 12 maio 1946. 1f.

_____. **Casa das três meninas**. Belo Horizonte: Movimento Editorial Panorama, 1949.

_____. [correspondência]. Destinatário: Gilberto de Alencar. Juiz de Fora, 21 mar. 1954. 4f.

_____. [correspondência]. Destinatário: Gilberto de Alencar. Juiz de Fora, 19 dez. 1955. 1f.

_____. [correspondência]. Destinatário: Gilberto de Alencar. Juiz de Fora, 12 nov. 1956. 4f.

_____. [correspondência]. Destinatário: Gilberto de Alencar. Juiz de Fora, 09 dez. 1957. 2f.

_____. Fábula de La Fontaine. **Suplemento Literário do Minas Gerais**, n. 11, p. 7, 12 nov. 1966.

MATTOS, Mário. Comentários sobre a Academia... **Gazeta de Notícias**, Rio de Janeiro, n. 252, p. 2, 11 set. 1918.

_____. A política gênero-sério. **A.B.C.**, Rio de Janeiro, n. 278, p. 2, 03 jul. 1920.

_____. A função política nos dois regimes. **A.B.C.**, Rio de Janeiro, n. 480, p. 4, 17 maio 1924.

MENDES, Moema Rodrigues Brandão. Revelar Gilberto de Alencar, cronista. **Verbo de Minas**, Juiz de Fora, v. 18, n. 31, p. 89-103, 2017.

MOREIRA, Vivaldi. **Figuras, tempos, formas**. Belo Horizonte: Edições MP, 1966.

MOVIMENTO literário. **Diário de S. Luiz**, São Luís, n. 1.305, p. 7, 15 maio 1949.

NOLASCO, Barbara Barros Gonçalves Pereira. **Mário Matos e Gilberto de Alencar**: memórias literárias e as missivas. 2017. Dissertação (Mestrado em Letras) – Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2017.

NOSSOS queridos amiguinhos. **O Tico-Tico**, Rio de Janeiro, n. 1.443, p. 6, 31 maio 1933.

NOTAS & Novas. **O Pharol**, Juiz de Fora, n. 107, p. 1, 08 maio 1913.

NOTAS & Novas. **O Pharol**, Juiz de Fora, n. 45, p. 1, 22 fev. 1914.

O “DIÁRIO Mercantil”. **A.B.C.**, Rio de Janeiro, n. 59, p. 8, 22 abr. 1916.

OLAVO, Alberto. Villa-Rica e o seu cronista. **O Pharol**, Juiz de Fora, n. 302, p. 1, 21 dez. 1912.

_____. Pela Academia de Letras. **O Pharol**, Juiz de Fora, n. 12, p. 1, 15 jan. 1913a.

_____. “Era uma vez...”, novela de D. Julia Lopes de Almeida. **A Rua**, Rio de Janeiro, n. 7, p. 4, 08 jan. 1917.

_____. A hora azul... **O Pharol**, Juiz de Fora, n. 212, p. 1, 17 jan. 1923.

PEREGRINO, Umberto. Um sorriso para todas... **Careta**, Rio de Janeiro, n. 1.066, p. 27, 24 nov. 1928.

PEREIRA, Lúcia Miguel. Último Bandeirante. **Suplemento Literário do Minas Gerais**, Belo Horizonte, n. 70, p. 5, 30 dez. 1967.

PÓ de mico. **Cidade de Goiás**, Goiás, n. 322, p. 4, 01 dez. 1946.

RAUL de Leoni. **Jornal do Comércio**, Rio de Janeiro, n. 263, p. 4, 03 nov. 1928.

ROSA, Guimarães. Pescaria: a Mário Matos. **Suplemento Literário do Minas Gerais**, Belo Horizonte, n. 70, p. 13, 30 dez. 1967.

SANTOS, Matildes Demetrio dos. A correspondência de Gonçalves Dias: história pessoal e obra. In: II Congresso Nacional de Linguística e Filologia. **Anais...** Rio de Janeiro: UERJ/CIFEFH, 1998. p. 8-8.

_____. Clarice Lispector inventa-se em jornais e revistas. **Revista Portuguesa de Humanidades**, Braga (Portugal), v. 23 (1-2), p. 441-462, 2019.